VÍTIMAS

DA

AMBIÇÃO

Marcelo Teixeira de Sales

Vitimas da ambição

2

Marcelo T. Sales

SUMÁRIO

CAPITULO 01**.....6**
ATENTADO

CAPITULO 02**.....11**
O INICIO DA INVESTIGAÇÃO

CAPITULO **03.....18**
A NOTÍCIA

CAPITULO **04.....23**
A PRIMEIRA PISTA

CAPITULO **05.....27**
UMA GRANDE CHANCE

CAPITULO **06.....30**
O JULGAMENTO

CAPITULO 07.....**42**
NOVA CHANCE

CAPITULO 08**.....60**
OUTRA VÍTIMA

CAPITULO 09.....**71**
QEIMA DE ARQUIVO

CAPITULO **10.....86**
O JANTAR

CAPITULO **11.....94**
AMEAÇA MORTAL

CAPITULO **12.....105**
UM NOVO DEPOIMENTO

CAPITULO **13.....124**
O ATENTADO

CAPITULO 14**.....135**
A NOTÍCIA DESESPERADORA

CAPITULO **15.....153**
UMA REVELAÇÃO BOMBASTICA

CAPITULO **16.....159**
A DESPEDIDA

CAPITULO **17.....161**
EM FRENTE AO ALGOZ

CAPITULO **18.....171**
A GRANDE TRAIÇÃO

CAPITULO **19.....178**
EM FIM A RESPOSTA

CAPITULO 01

ATENTADO

Numa manhã de Segunda-feira, em um bairro de zona sul da cidade de Belo Horizonte, onde as ruas eram muito arborizadas e as casas eram verdadeiros palácios, ouvia-se o canto dos pássaros que voavam pelas redondezas. Uma casa viria chamar a atenção, mesmo para os padrões da vizinhança. Era mesmo deslumbrante e com certeza, era habitada por alguém de um poder aquisitivo estrondoso, pois, a casa era mesmo perfeita para qualquer mortal. Esta casa ocupava o espaço de praticamente um quarteirão. Era construída num estilo moderno, onde os vidros formavam perfeitas combinações com paredes e janelas, além do reflexo do sol, que acabara de nascer, proporcionando um verdadeiro espetáculo de luzes

para os transeuntes que por ali passavam, sem resistir aos encantos daquela mansão.

Dentro da casa, que era composta de vários ambientes, um se destacava pela sua imponência, era uma das salas de visita; gigantesca, deveria ter mais ou menos uns doze metros de comprimento por uns quinze de largura, mas, o que impressionava mesmo, além do espaço físico interno, era a decoração do local, que parecia uma feira mundial de artes e objetos de decoração que iam desde um cinzeiro de mármore italiano com um metal prateado que reluzia como ouro, e certamente o seria, passando por mesas de vidro e madeira, assentos com estilo bem futurista, quadros de estremo bom gosto, e com assinaturas famosas, que por si só já valeriam uma fortuna, tapetes persas legítimos, que faziam contraste com uma aparelhagem de vídeo e som, que faziam qualquer sala de cinema parecer com um rádio portátil de pilha.

Na casa havia outros ambientes que se aproximavam em bom gosto e riqueza daquela sala, mas definitivamente, só se aproximavam.

Embora fosse muito cedo, nos jardins da casa, que não destoava em nada da grandeza e beleza do interior do imóvel, havia três homens se exercitando, parecia mesmo que era o dono da casa, acompanhado de seus seguranças. Era um homem alto, moreno e de

boa aparência, com trajes perfeitos para se exercitar, os homens que ficavam à sua volta eram bem grandes e fortes e um volume em baixo de seus braços sugeriria que os dois estavam portando armas de fogo, o que confirmaria os dois como seguranças do terceiro homem ao centro, que estava aparentemente desarmado.

Depois de algum tempo se aquecendo naquele jardim maravilhoso que, repito, era também uma das atrações daquele espetáculo de casa, os três homens resolveram se dirigir em direção ao portão de entrada da casa.

Depois de uns três minutos correndo em direção à saída, passando por uma estrada curta e bem asfaltada que cortava o jardim pelo meio e ligava a casa até os muros que faziam limite com a rua, atingiram o portão, onde havia uma guarita que abrigava, devidamente armado, outro segurança, que ao perceber que os três se aproximavam do portão os cumprimentou e tratou logo de abrir o portão para que eles pudessem fazer a corrida habitual pela manhã que era uma rotina do dono da casa, embora não fosse do agrado dos seguranças, o fato de manter um hábito rotineiro, pois, facilitaria a ação de algum inimigo.

Ao passarem pelo portão, perceberam, como sempre, um silêncio enorme, que era peculiar àquele

bairro onde a circulação de pessoas quase não existia, pois a população raramente saía de casa a não ser dentro dos carros, e os funcionários domésticos quase que como uma unanimidade costumavam dormir no trabalho, além de não haver comércio nas redondezas.

Os três homens já estavam a uns dez metros do portão principal quando perceberam que o silêncio fora quebrado por um instante, era o barulho de uma motocicleta, de poucas cilindradas, no máximo 200 cl, que passava do outro lado da rua.

Os seguranças, como de costume, ficaram em alerta com as mãos segurando as armas, esperando que a motocicleta passasse por eles. À medida que se aproximava o veículo, observaram então, que eram dois homens na moto, e para a surpresa dos três atletas, ao chegarem a uma distância de aproximadamente uns oito a dez metros dos três, o homem que estava de carona na motocicleta, sacou um objeto de metal preto de uma sacola que ele carregava no colo; era uma metralhadora e antes de qualquer reação possível, disparou uma rajada de balas em direção aos três homens e outra em direção à guarita, enquanto o piloto acelerava tudo o que podia e em poucos segundos já viraram na esquina não deixando qualquer vestígio do seu paradeiro.

Após alguns segundos, o segurança que se encontrava deitado na guarita, e pelo reflexo rápido não tinha sido alvejado, se levantou e seguiu em direção à rua. Depois de abrir o portão, ao chegar mais perto, pôde constatar a tragédia; os três foram mortalmente alvejados e ao que parecia, nenhum deles havia sobrevivido ao atentado, cada um deveria ter recebido pelo menos uns quatro tiros daquela metralhadora, e o segurança naquele momento dava graças aos céus de ter se abaixado a tempo.

Era preciso tomar algumas providências, e o homem, assim que começou a se refazer do susto, tratou disso rapidamente, voltou para a guarita onde tinha um telefone, ligou para a polícia e comunicou o crime, dando poucos detalhes sobre o acontecido, deixando claro apenas o número de mortos na calçada, em seguida voltou para perto dos corpos aguardando a chegada dos policiais. O homem estava perplexo com o acontecido e não conseguia raciocinar muito bem, só conseguia pensar que por alguns segundos, os assassinos teriam conseguido matá-lo também.

O tempo que a polícia levou para chegar até o local do crime, foi relativamente pequeno, mas para o homem que esperava ali junto aos três cadáveres, cravejados de balas e completamente cobertos de sangue, parecia uma eternidade.

CAPITULO 02

O INICIO DA INVESTIGAÇÃO

O primeiro a chegar ao local, foi o carro do delegado Max. Delegado jovem, que apesar do nome, era brasileiro e natural de Belo Horizonte, com aproximadamente trinta e cinco anos, porém de muitos serviços prestados à comunidade, apesar da pouca idade, uma vez que ingressara na polícia bem jovem, e já fazia algum tempo e até alguns anos, que exercia o cargo de Delegado.

Ele estava num carro do estado com as cores da policia, e junto a ele, estavam três policiais; o primeiro era o motorista da viatura, o segundo um agente que os acompanhava numa carona e o terceiro era um detetive de nome José Carlos, mas conhecido como Zeca. Este último era o braço direito do Dr. Max, além de amigo.

Logo em seguida à chegada do delegado, chegaram outras viaturas, estava entre elas, o veículo do IML (Instituto Médico Legal), que seria usado para recolher e transportar os cadáveres. Havia também outro veículo, no qual estava o pessoal da perícia técnica que, assim que chegaram, trataram de isolar o local, usando fitas com o logotipo da polícia a fim de afastar os primeiros curiosos que por ali começavam a se aglomerar. Os peritos trataram de fotografar toda a cena do crime, sem deixar um detalhe sequer que passasse sem registro. Depois de registrado cada centímetro daquele local, e examinados os corpos, os peritos foram então ensacá-los e levá-los rumo ao veículo que já estava com as portas dos fundos abertas para recebê-los e enviá-los para exames mais detalhados na sede do Instituto.

Enquanto os peritos faziam seu trabalho, os policiais por outro lado, não perdiam tempo, o Dr. Max estava na guarita, onde se encontrava o segurança que sobrevivera ao atentado, de onde começaria sua investigação, a partir do depoimento daquele sobrevivente.

Dr. Max perguntou ao homem:

— Como você se chama? - E ouviu dele com uma voz bem trêmula:

— Meu nome é João Jorge de Souza, Doutor. Não entendo como tudo aconteceu. Foi tão rápido...

O homem foi interrompido pelo delegado, que disse:

— Vamos por partes, primeiro eu farei a sua identificação e depois nós falaremos sobre o crime, pode ir pensando e se acalmando porque eu vou querer saber tudo sobre o acontecido, porém, cada coisa no seu lugar.

O homem ficou quieto e aguardando novas instruções das autoridades, o que não demorou a acontecer, o delegado solicitou a ele que contasse com calma e com detalhes o que havia acontecido ali.

O homem começou novamente a falar de maneira atrapalhada sem muito nexo nas suas palavras e, novamente foi interrompido pelo delegado que lhe disse:

— Se você não se acalmar será impossível colher o seu depoimento.

E para que o homem se controlasse, mudando um pouco de assunto, perguntou:

— E os moradores da casa, quantos são? E porque ninguém até o momento ainda não esta no local, além de você? Eles não estão em casa? Ou ele morava sozinho?

Conseguindo assim um pouco mais de calma do homem que, depois de decorridos alguns segundos, voltou a falar:

— Só um casal mora aqui e um dos homens que estão mortos era o dono da casa e a mulher ainda está no interior de casa, sem notícias, pois eu ainda não consegui sair da guarita para comunicá-la sobre os fatos, porque, desde o momento do crime até agora, eu só consegui ligar para a polícia, não pensando em mais nada.

Dr. Max pediu a ele que o acompanhasse até o interior da casa para que pudessem ter contato com a esposa daquele homem, e para que pudessem também conversar com mais calma, e o homem atendeu de imediato seguindo em direção à porta principal daquela mansão.

Ao entrarem na casa, o Delegado de polícia e seu detetive, ouviram de João Jorge, já mais calmo, o comentário que coincidia com o pensamento que era comum a todos os presentes, ele disse:

— "Tanto luxo e agora nada disso ele pode usar para onde ele vai".

O Dr. Max pediu a ele que se sentasse e que recomeçasse com a descrição dos fatos ocorridos lá fora.

João Jorge começou então a dizer o ocorrido, desta vez com mais calma e com mais precisão cronológica dos fatos.

Disse que o seu patrão, todos os dias, gostava de fazer uma corrida logo pela manhã, mesmo contrariando as instruções dos seus seguranças que achavam que a rotina tornaria mais fácil a ação de algum criminoso. Naquela manhã não foi diferente, ele acordara bem cedo, e depois de se aquecer junto com os dois seguranças, foram em direção à guarita onde João Jorge estava, como toda manhã e ao perceber que eles se aproximavam, ele tratou de abrir o portão eletrônico para que eles pudessem sair. Os três passaram por ele correndo, o cumprimentaram e seguiram para a rua.

Logo que saíram, não chegaram nem a uns dez metros do portão, quando uma moto, que passava com dois homens, foi acelerada e o homem que estava atrás sacou uma arma poderosa, que parecia ser uma metralhadora e começou a disparar, foi quando ele percebeu o que estava acontecendo e assim que se abaixou para se proteger, os disparos da arma estouraram a vidraça da guarita. Os assassinos seguiram dando mais disparos e em alta velocidade. Quando percebeu que os tiros cessaram e o barulho da moto ficou mais distante, procurou se levantar com

cuidado e olhar para a rua e foi quando viu aquela cena grotesca que todos puderam ver ao chegarem, foi direto para o telefone e ligou para a polícia, e ficou esperando até que os policiais chegassem.

— Você não viu nada que pudesse identificar os criminosos, anotou a placa da moto pelo menos?- Perguntou Dr. Max.

— Infelizmente não doutor -respondeu o homem - Tudo aconteceu muito rápido, e só tive tempo de me proteger.

Dr. Max, parcialmente satisfeito com aquele depoimento, dispensou o homem e disse:

— Preciso conversar com você mais tarde para que você possa se lembrar de qualquer coisa que nos ajude na investigação, mas neste momento nós precisamos ir ao quarto da dona da casa para lhe comunicar os fatos.

João Jorge os levou então, em direção ao quarto, que ficava no andar de cima, que era tão amplo e belo quanto o debaixo.

Ao chegarem à porta do quarto, o Dr. Max perguntou ao homem:

— Qual o nome da senhora?

— Ela se chama Marilda Dánis.

O delegado, com um olhar de espanto, perguntou:

— Este homem é o mesmo Dánis que vive na sociedade, aparecendo nos jornais como um dos homens mais ricos do estado de Minas?

João Jorge respondeu apenas balançando a cabeça no sentido positivo. Era mesmo o famoso empresário Geraldo Dánis que havia sido assassinado naquela manhã, de maneira tão violenta.

CAPITULO 03

A NOTÍCIA.

Depois de bater na porta, os três ficaram aguardando um sinal da recente viúva, o que não demorou acontecer, ela perguntou sem abrir a porta:

— Quem é?

João Jorge atendendo a um sinal do Dr. Max, respondeu:

— Sou eu Senhora, João Jorge. Preciso falar com a senhora um instante e tenho certa urgência.

Ela pediu que aguardasse um pouco até que se vestisse, e os três ficaram aguardando a viúva abrir a porta para que cumprissem a difícil missão de informá-la sobre o assassinato de seu marido.

Não demorou muito e ela, já vestida, abriu a porta do quarto e se assustou com a presença dos policiais, era uma mulher maravilhosa, tinha um corpo